

ARTISTA/PROFESSOR/PESQUISADOR: territórios simultâneos de actuação

José Carlos de Paiva

Núcleo de Educação Artística — i2ADS
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto



Trago comigo a brisa fresca que promove a amizade das Ilhas de Cabo Verde, lugar onde o tempo faz questão de ser presença, lugar onde conheci o Professor Fábio Rodrigues, num debate intenso sobre as questões de sempre da educação artística. Permitam, com a naturalidade dessa amizade, um primeiro agradecimento para ele, Fábio Rodrigues, evidenciando a gentileza de seu convite, que me fornece a oportunidade de me aproximar do trabalho que vou acompanhando à distância, mas que agora verifico em directo, vendo o que está a ser feito, aqui, no Cariri.

Os meus parabéns por ter promovido este evento, para ele e para toda a afável equipa. A Universidade Regional do Cariri, o Centro de Artes, as Artes Visuais e o Centro Cultural do Banco do Nordeste, merecem um forte aplauso por esta corajosa iniciativa. Os resultados deste evento serão sentidos, nesta realidade e noutras paragens, estou certo, nos próximos anos.

É para mim uma oportunidade única aqui estar para ver, ouvir e tocar, o que por aqui se pensa e se faz, e com essa atenção continuar minha caminhada,... Agradeço a todos os presentes, aos estudantes, aos artistas, aos professores, aos investigadores.

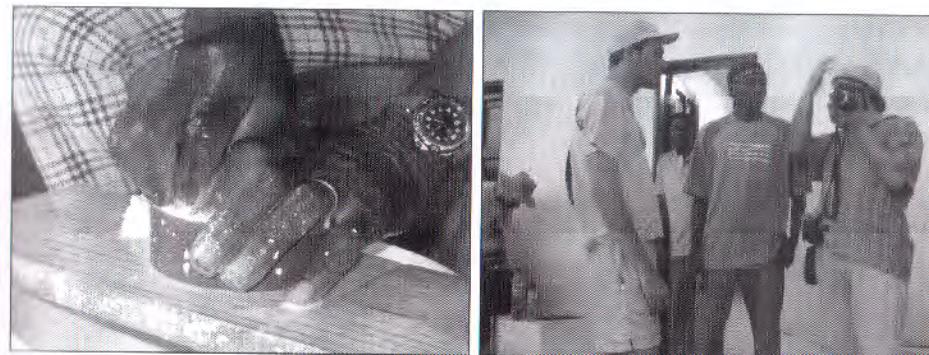


Tudo o que eu pudesse acrescentar seria apenas um prolongamento do meu próprio processo de (re)aprendizagem da viagem como poesia. E resume-se numa frase: estou a reaprender a lentidão (BARRETO, 2001).



O que trago, são apenas os meus questionamentos, que quero compartilhar, e a minha visão frontal e franca desses problemas. Aqui, neste sertão que Guimarães Rosa me deu a conhecer faz tempo, aqui, bem perto da terra de meu povo de Conceição das Crioulas, espero saber explicar-me, neste meu modo de falar, numa outra cantada em português, trazida do outro lado do mar. “No que a cidade e o sertão não se dão entendimento: as regalias da vida, que as mesmas não são” (ROSA, João Guimarães, 1988).

Apresento-me aqui, frente a vós, com imagens a serem projetadas atrás de mim, ao mesmo tempo que vos falo. Mostro uma narrativa de imagens, imaginários que me povoam, narrativas que por si só falaria. Que cada um



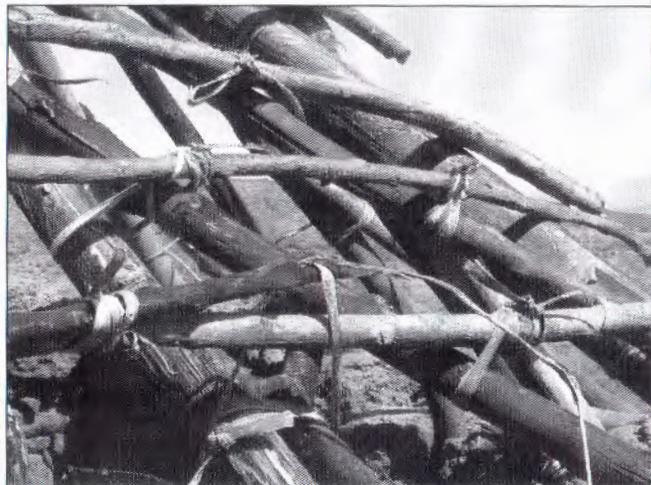
Este que vos apresenta aqui à vossa frente, poderia aparecer como um menino, de pé descalço, brincando na pedra das ruas da cidade do Porto, lá no Portugal onde nasci. Ou dizer que sou este homem cansado, caminho de vida já longo, paciente perante as dificuldades da vida e as maldades do mundo, angustiado embora otimista. Ou um artista, formado como pintor, doutorado em pintura na Universidade do Porto, mas teria que dizer, para ser claro, um artista descontente consigo, reconhecendo a incompletude inevitável do seu trabalho e triste com a sua capacidade de produzir uma obra impregnada de irreverência e que não se contente com o despertar de uma inócua contemplação. “[...] ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2004, p. 30).

Sou professor, esta é a minha profissão, mas dizer que sou um professor que analisa as suas insuficiências e que conhece a sua impotência, não chegaria para me apresentar. Se sou professor, sou de educação artística, espaço onde o fazer artístico é primordial, e onde o que tenho de artista se entranha no professor.

Poderia também dizer, talvez, que sou um investigador, olhando o que se passa à sua volta, implicado nas ações que elege, confiante nos outros que partilham suas inquietações. Pesquisador do que a palavra não diz.



O que vos digo, deste palco, espaço de poder que ocupo pela gentileza do professor Fábio, que aqui me coloca perante a vossa atenção, é que julguem o que vos digo, não me aceitem, construam vosso posicionamento crítico, estejam atentos aos meus ardis e à sedução das narrativas construídas que vos trago. Não se deixem emaranhar.



Cada uma das partes de mim que referi, seria apenas um fragmento de um ser múltiplo e complexo, tentativa permanente de uma globalidade. Sou atilho e nó. Sou este todo, das memórias e dos esquecimentos, dos saberes e dos pulsares imprevisíveis, sou o aroma e a razão, sou nesse todo, nas ambivalências da vida, um artista/professor/investigador. Apenas um!

No mundo actual, a distância entre os mais ricos e os mais pobres cresce de dia para dia. Quer dizer que os homens são de dia para dia mais desiguais perante a doença, a pobreza e a morte, e sem dúvida também perante a solidão, porque os mais pobres entre os pobres são tentados a procurar a solução na fuga, no desenraizamento, na partida muitas vezes solitária que os precipita a caminho das luzes ardentes e assassinas dos mundos desenvolvidos (AUGÉ, 2007, p. 7-8).

Vejamos, calmamente, algumas das questões entrelaçadas neste discurso.

Aqui estamos nós, neste Cariri acolhedor, neste maio de 2014. Não é um ano especial, mas corresponde ao presente onde nos situamos. 2014, aqui nesta sala, como nas ruas de Istambul, nos campos de refugiados, em *wall street*, na ameaçada Síria, na crise de Portugal e da Europa, nas ilhas de Cabo Verde, onde a brisa do desenvolvimento se confunde com a luta pela subsistência.



Vivemos todos o mesmo presente. Lembremo-nos. 2014. Transportamos a história de nossos antepassados, tantos e tantos anos, e a responsabilidade de sermos presente, de sermos actuais. E isso quer dizer que temos de ter consciência do que é a actualidade, ser contemporâneo é ter essa percepção.

considerações intempestivas [...]

Aquele que pertence deveras ao seu tempo, que é deveras contemporâneo é alguém que não coincide perfeitamente com ele nem se adapta às suas exigências e é por isso, nesse sentido, inactual; mas, precisamente por isso, precisamente através do seu distanciamento e do seu anacronismo, é capaz de perceber e captar o seu tempo melhor que os outros (AGAMBEN, 2010, p. 20).



Estamos aqui reunidos, neste maio de 2014, mas não poderemos nunca fechar os olhos ou ver apenas para os nossos pés, porque vivemos todos neste mesmo tempo e neste pequeno mundo, bola pequena que vagueia pela imensidão do espaço. O que se passa aqui, tem sempre a ver com o que se passa em outro qualquer lado, em qualquer parte do mundo. Hoje não há isolamento.

Tenho percorrido universidades, escolas, trabalhado com crianças, jovens e adultos, na Europa, na velha África mãe de todos nós, em Moçambique e em Cabo Verde, moro no sertão do Brasil, ou no Recife, acabo de chegar de Istanbul, ponte entre a Europa e a Ásia, onde se reuniram cerca de 3 000 investigadores em Educação. Em todo o lado se encontram os mesmos problemas, são os mesmos desafios, é sempre necessária uma luta pela importância da educação, pelo valor das artes, pela defesa das culturas, pela solidariedade... e são lutas contra o padrão hegemónico, contra a ganância desmedida e a usura internacional legalizada.



I can be said that an artist is committed as a person, and possibly that he's committed by his writings, his paintings, his films, which contribute to a certain type of political struggle. An artist can be committed, but what does it mean to say that his art is committed? Commitment is not a category of art. This does not mean that art is apolitical. It means that aesthetics has its own politics, or its own meta-politics" (RANCIÈRE, 2004). (Eu posso ter dito que o artista é comprometido como pessoa, e possivelmente

que é comprometido por suas escritas, suas pinturas, suas películas, que contribuem com um certo tipo de esforço político. Um artista pode ser comprometido, mas que significa dizer que sua arte está comprometida? O compromisso não é uma categoria de arte. Isto não significa que a arte é apolítica. Significa que a estética tem sua própria política, ou sua própria meta-política).

Sentirmo-nos apenas em casa, nesse acolhimento confortável, não chega, não resolve. Temos que nos entender neste mesmo mundo, de o discernir, entendendo a diversidade que há no mundo e que é a sua verdadeira riqueza. As diferenças são sempre a nossa riqueza. Não nascemos todos de modo igual, não temos todos as mesmas condições de vida, não conseguimos usufruir todos os mesmos direitos. O mundo não é bom, nem justo. Sabemo-lo, cada um a seu modo. Os donos do mundo, que com a sua ganância desenfreada estabelecem as regras do jogo financeiro que nos limita as vidas e nos torna ansiosos por uma mudança, sabem-no bem. Também aqueles que se dão bem com este modelo social, que dele são beneficiários e guardas, vivem satisfeitos com este mesmo presente, mas também os pobres e excluídos, desempregados, precários e exilados, o sabem e o sentem no sofrimento prolongado de suas vidas.

Todos vivemos este tempo, tempos onde o Estado-Nação desaparece para outros patamares de decisão, onde as identidades se misturam e as comunidades se diluem ou se transformam em espaços de resistência.



O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão (FREIRE, 2004, p. 33).

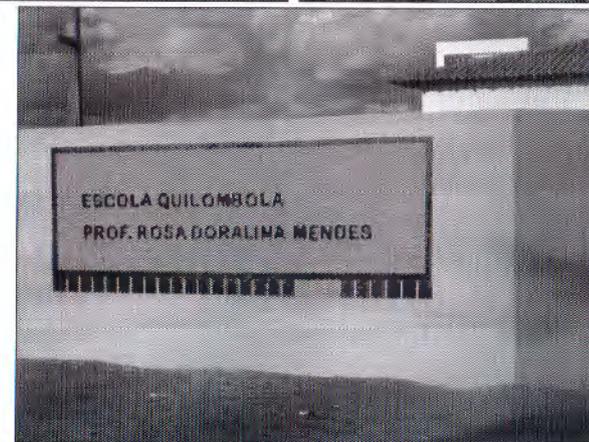
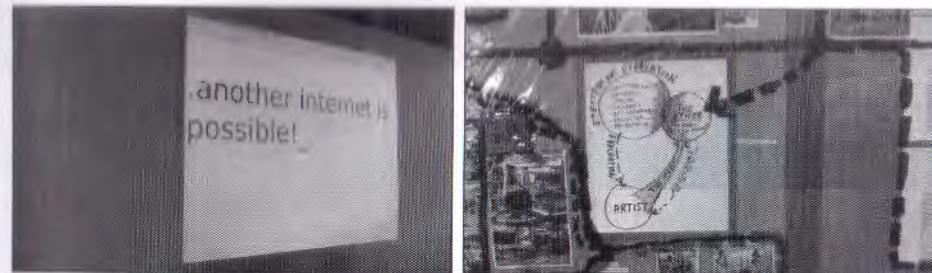


É agora que eu sou o que sou, na vossa presença, na partilha e na luta com os que me são próximos, na defesa dos valores que possamos partilhar. É neste tempo que aqui me apresento, trazendo comigo as minhas amarguras e também espalhando a brisa fresca que fui colhendo por onde andei, palcos de minha vida de artista, de professor e de investigador.

E se esta vida se funde num todo, o que une os fragmentos, as partes, os pedaços de mim, são essa consciência do mundo, a busca incessante pelo discernimento e pelo conhecimento da diversidade que nos enriquece, essa vontade medonha de agir. A impossibilidade de ficar quieto. Porque a arte é sempre acção, é acrescento, é intervenção.



Pode se olhar para a arte, pela sua história, como a produção de campos de contemplação, actos de genialidade, extraordinários, capacidades de observação do mundo e de sua representação, ou a salvação, neste tempo, 2013, lembram-se, a arte contemporânea estabelece outra irreverência, força uma implicação, alimenta um devir. Isto se se quiser evitar o espaço inócuo do consumo.

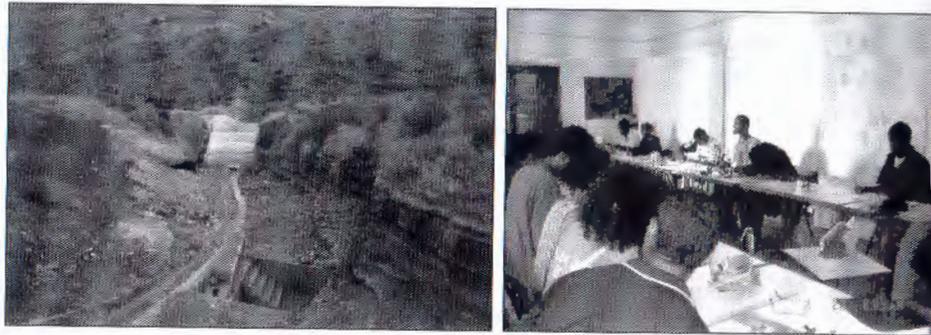


Um artista tem de assumir uma postura perante a sua inevitável inclusão na sociedade de consumo, tem de reconhecer a vizinhança com facetas legitimadoras de governos, como alimento da espectacularidade da vida, como ruído ensurdecedor perturbador do silêncio a que temos direito. Falava de uma consciência do mundo, necessária, com que o artista vive, porque assume esse sofrimento dos sofredores, perseguido esse discernimento, como seu processo de produção artística. A arte como acção pregnant de implicação no político, vírus de crítica.

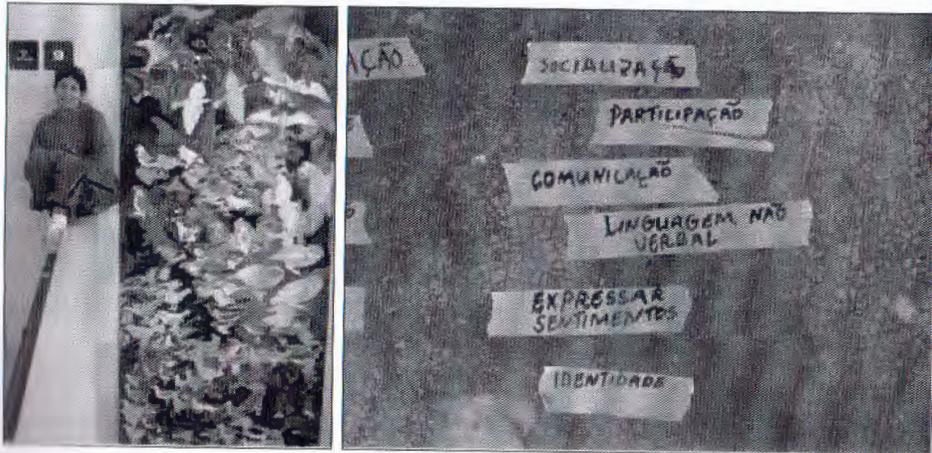
A mesma ética de vida, essa contemporaneidade, é que move um professor de educação artística, porque projecta para as suas relações educativas os seus modos de se implicar no mundo, a sua imanente acção. E, portanto, recusa ser um funcionário burocrata, ou técnico, agente ao serviço da reprodução dos valores hegemónicos, mas amplia a problematização do artístico para dentro da acção educativa, onde o cerne é sempre o fazer artístico, a sua compreensão, a construção da coerência com o autor, em que cada aluno se vai transformando.

Um professor de educação artística será mais completo se for um artista. Não pelas competências técnicas e criativas na construção de formatividades que tem de possuir, mas por questionar permanentemente o sentido de seus

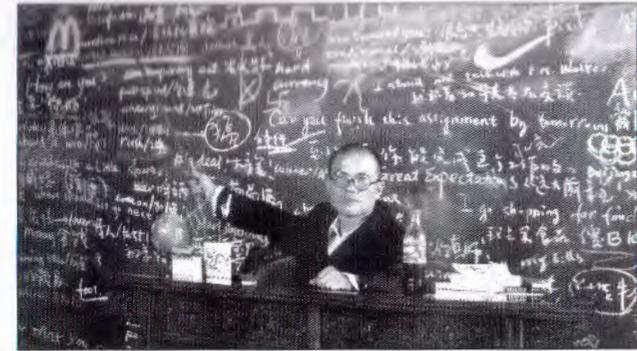
trabalhos e as pregnâncias culturais que constrói a partir de seu posicionamento crítico face ao que o circunda, neste ano de 2014, sempre no presente que habitamos, como já referimos.



Sejamos então, se queremos operar neste espaço intranquilo da arte e da educação, artista/professore's, produzindo arte, interferindo no campo artístico, agindo na educação artística, possibilitando o aparecimento de novos esclarecimentos, de novos modos de pensar e de agir.



Não pode haver política de mudança radical sem contradição performativa (BUTLER; SPIVAK, 2006).



E se as universidades são campos de complexidade e de cedência, onde o tempo já não existe, há muitos espaços de indignação, de insurgência contra as lógicas hegemônicas, e aí abrem-se espaços para os artistas/professores mergulharem na análise de suas próprias práticas, confrontarem-se nas narrativas que prolongam os discursos de ontem, das cedências a que as circunstâncias institucionais estabelecem.



O meu campo de investigação, de ação artística e educativa, num todo de artista/professor/investigador, remeteu-me para espaços de aprendizagem ricos de aprendizagem, onde estudantes, artistas, professores, investigadores, a população se inter-relacionam. Mas não se trata de um espaço onde a arte é levada às comunidades, mas da estruturação de um espaço de aprendizagem com as populações, onde o confronto dos seus problemas com o modo próprio dos artistas persistência numa abordagem inventiva, inquietada, insatisfeita, gera outros campos de possibilidade de resolução dos problemas detectados. E não faltam problemas.



Apresento-vos um caso, a título de exemplo. Homens, crianças e burros, 3 horas de caminho esforçado pela montanha acima e abaixo, para ir buscar um bidão de 25 litros de água por cada burro, de uma nascente débil, revelam o esforço e a importância que a água tem nesta comunidade, onde o número de cabras existente está condicionado ao número de burros que transporta a água necessária para as cabras e o equivalente às necessidades das famílias, onde esta relação com as cabras constituiu um elo inquebrável.

Em lugar de encarar os professores como transmissores de grande corpo de conhecimento hegemônico, deveríamos vê-los como líderes e facilitadores capazes de focar o processo de aprendizagem e de assistir os alunos/as em sua investigação e entendimento da existência de elementos comuns às funções e na posição da arte em relação às culturas que se transformam incessantemente (BARBOSA, 2005. p. 251).



O problema da água, questão primordial da vida no Planalto Norte, situado na mágica Ilha de Santo Antão, Cabo Verde, mobilizou debates, entre toda a população, participada por investigadores, estudantes e professores do MINDELO_Escola Internacional de Arte, pela ONG Atelier Mar,

misturando-se os saberes tradicionais com o pensamento inventivo, na procura de formas endógenas e sustentáveis de se enfrentar o problema.

Estudou-se a geografia e o conhecimento do terreno, estudando os leitos de água, os hábitos de escoamento da água das chuvas, as condições de declive, procuraram-se soluções de materiais existentes, desenho de volumetrias e coberturas, modos de fabrico, definiram-se soluções.

De modo gradual, e participado pela população, foram construídas cisternas de aproveitamento da água das chuvas, recorrendo-se a tecnologias ancestrais de construção de abobadilhas, desenhadas pelos estudantes da aula de Geometria, utilizou-se a pozolana (material abundante na região e adequado tecnicamente pelas suas propriedades de resistência e de isolamento) e outros processos de poupança de água, de cimento e de materiais. Pastores e estudantes foram pedreiros, todos participaram, de um modo ou de outro.



Esta solução possibilita agora, em anos de chuva, o armazenamento de 42 toneladas de água, que fornecem água anual para um terço de todos os produtores da comunidade. Um exemplo entre outros, onde se poderia evocar a procura de modos de produção alternativa de energia, ou a aprendizagem de modos de cura do saboroso queijo de cabra, num clima impróprio, e utilizando o saber das grutas escavadas na pozolana. Ou trazer as procuras alimentares que gradualmente se inscrevem nas redes de slow food.

Sabe, eu achava que era preta, que não ia ter amizade com ninguém... Eu tinha uma coisa comigo, eu tinha vergonha da cor, porque era preta ... muitas vezes, aconteceu de eu sentir assim na pele que as pessoas desfaziam da cor ... eu tinha medo, eu não era de fazer amizade de jeito nenhum, eu era igual a um bicho do mato. Então, eu conheci este pessoal, sabe eu senti que eles faziam muita conta de mim, eles davam muita atenção, então

foi aonde eu passei a me sentir como gente” (Cida, Mulher, ‘bóia-fria’, negra) (SILVA, 1999, p. 273).

O que se pretende aqui apresentar, não é propriamente a exemplaridade desta entrega de um punhado de artistas, professores e estudantes de arte à resolução de problemas de uma dada comunidade, mas sim o campo de possibilidades que os professores/artistas/investigadores, no território árido destas duas comunidades evidenciam, da irradiação educativa que soltam e das aprendizagens que partilham, através da presença real do seu pensamento divergente, crítico e especulativo sobre a diversidade de soluções e de procedimentos do fazer e da qualidade diversa do que pode acontecer.

É sobre a natureza particular dessa irreverência crítica do pensamento do artístico, enquanto pensamento sincrónico do político, face ao existente e às soluções naturalizadas, que se promove esta pesquisa. O que se pretende debater é este estar, do artista que se desloca do seu espaço de conforto, assumido numa presença de suspensão do seu fazer autoral, face à percepção do território que invade (ainda que a sua presença na comunidade seja da ordem da hospitalidade – Derrida), onde se entrega num acto de *dádiva* (MAUSS) e de concentração plena na mobilização de sua percepção, dos seus saberes e utopias.

Esta acção não se inscrevendo aparentemente no espaço de uma intervenção artística, confere essa qualidade pelo modo como os artistas, investigadores, professores e estudantes de arte, deixando em suspenso os seus saberes iminentemente artísticos, mobilizam as suas capacidades inventivas, a sua inquietude criativa, a sua busca incessante de outras possibilidades de resposta, para a procura, com objectividade e sem hesitação de soluções para os problemas concretos das populações.

As aprendizagens que se soltam deste relacionamento intercultural permitem aos investigadores, implicados e envolvidos na acção, uma confrontação dos seus campos teóricos situados na ‘arte’ e na ‘educação artística’ e dos seus saberes empíricos com a realidade complexa dos territórios para onde se deslocam, *verdade* desafiadora em extremo.

Sentimos o desconforto que nos instiga a procurar o próprio sentido para a arte e para a educação artística, inquietação que nos força a procurar entender que nos nossos espaços de conforto apenas repisamos o já dito, insistimos em práticas que sabemos limitadoras e inócuas, repetimos apenas palavras que estão despossuídas de sentido.

Temos presente o estado de descontentamento que as nossas vidas foram habitando, em nossa prática artística e educativa, mergulhando em processos fundados na modernidade e no colonialismo, sem saber encontrar outros modos de realizar outras possibilidades de evidenciação da inscrição da arte

e da educação na procura de novas possibilidades, de outros devires que incorporem os desejos de abrir portas de futuro.

Esta incomodidade sentida pelos investigadores, move-os para estes terrenos, para esta procurada deslocação de si, movimento que os coloca perante dimensões inesperadas e simplicidades complexas. Movimento que lhes apresenta todos os seus saberes em saberes colocados em confronto, com realidades distintas, com culturas próprias, com saberes particulares, onde os argumentos naturalizados não convencem ninguém, nem aos próprios, que são obrigados a colocar-se permanentemente em causa, em encontrar argumentos antes dispensados, a não se satisfazerem com soluções repetidas. Questionamento da essência, dispensa da trivial contemplação de resultados, da genialidade das soluções, mas enfrentamento da implicação do fazer artístico nos tempos, na resistência ao hegemonizado, na procura de outro aberto.

A criação do M_EIA, em Cabo Verde, e do ‘movimento intercultural IDENTIDADES’ na Universidade do Porto estabeleceram um laboratório, de experiência, de acção e de investigação, dinâmica onde se fundou a própria instituição, seu sentido, o seu modelo educativo e o próprio devir de suas vidas. Laboratório aberto para fora de si, mergulhando no local e no contemporâneo, implicado na resistência e luta das comunidades, resiliência e atitude cultural transformadora. Nesse caminho foi possível fundar uma escola superior de arte, num país carenciado e emergente, que não pisa os trilhos fundadores do mundo ocidental, completamente vinculada ao tempo comprimido e aos espaços que povoa, organizada de modo flexível a não burocratizado, estímulo à construção dos sujeitos que gradua, de seus professores e que irradia esses valores da democracia participativa.

A nossa presença é de desafio. Assumimos a inquietude interpretativa dos tempos, a incompletude de nossas acções. Abandone-se o conforto epistemológico e ontológico que as ideias naturalizadas e os comportamentos hegemónicos transportam e procuremos outras possibilidades do artístico, do educativo e da investigação em educação artística. Aceitemos essa possibilidade. Objectivem-se outros discursos e outras práticas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Nudez, Relógio D'Água*. Tradução de Miguel Serras Pereira. 2010. Original: Nidità [2009].

AUGÉ, Marc. *Para que vivemos?* Tradução de Miguel Serras Pereira. 90 Graus Editora, 2007. Original: Pour quoi vivons-nous? [2003].

BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/Educação Contemporânea – Consonâncias Internacionais*. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

BARRENTO, João *A espiral vertiginosa*. Lisboa: Livros Cotovia, 2001.

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri. *Quem canta o Estado-Nação?* Tradução de Fernando Ramalho. Lisboa: Edições Unipop, 2012. Original: Who sings the nation-state? [2006].

FREIRE, Paulo *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra, 2004. [1996].

RANCIÈRE, Jacques. *The politics of aesthetics, Continuum*. Tradução e introdução de Gabriel Rockhill. 2004. Original: La portage du sensible: esthétique et politique [2000].

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.